

AULA COMO ACONTECIMENTO

O que acontece que algo vibra e se torna canto?

Cristian Reichert (Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP)¹

RESUMO

A presente pesquisa de mestrado em andamento no PPG-Arte da UNESP, propõe uma reflexão sobre a aula de Artes como acontecimento. Para isso, faremos um movimento que nos aproxime do conceito de acontecimento em Deleuze (2015). Tal aceção possibilita-nos aprimorar uma pedagogia da arte que mobilize o conhecimento entre educando e educador, considerando ambos como agentes do processo pedagógico pela via da transformação dos sujeitos. Logo, existe a potencialidade da Arte educação vir a ser o acontecimento artístico. Contamos com relatos de pessoas diversas sobre suas aulas acontecimentos, para assim podermos nos aproximar do conceito que nos auxilia.

PALAVRAS-CHAVE

Aula; Acontecimento; Ensino de arte; Deleuze.

RESUMEN

La presente investigación de máster en curso en el PPG-Arte de la UNESP, propone una reflexión sobre la clase de Artes como evento. Para ello, realizaremos una investigación que nos acerque al concepto de evento en Deleuze (2015). Este significado nos permite mejorar una pedagogía del arte que moviliza conocimientos entre el alumno y el educador, considerando a ambos como agentes del proceso pedagógico a través de la transformación de sujetos. Por tanto, existe el potencial de la Educación Artística para convertirse en el evento artístico. Tenemos informes de diferentes personas sobre sus clases, por lo que podemos aproximarnos del concepto que nos ayuda.

PALABRAS CLAVE

Clase. Evento. Enseñanza del arte. Deleuze.

¹ Maiquel Cristian Reichert, mestrando do PPG-Arte UNESP com orientação da Prof^a D^a Carminda Mendes André; professor de educação básica (PEB II – Arte) em São Bernardo do Campo e Taboão da Serra, São Paulo; ator e performer com interesse em Intervenção Urbana; membro desde 2016 do Grupo de Pesquisa CNPq Performatividades e Pedagogias orientado pela Prof^a D^a Carminda Mendes André.

Qual aula marcou sua vida? Uma provocação...

Convido você a fazer um exercício de rememoração sobre a sua experiência como estudante: qual aula te marcou e que está com você até hoje? O que você lembra? E mais importante, o que você sentiu e ainda sente sobre essa aula?

Provocando um pouco mais... essa aula ecoa hoje no seu fazer docente? (Se for professor)

O que nos acontece que vibra e se torna canto?

A experiência é algo que (nos) acontece e que às vezes treme, ou vibra, algo que nos faz pensar, algo que nos faz sofrer ou gozar, algo que luta pela expressão, e que às vezes, algumas vezes, quando cai em mãos de alguém capaz de dar forma a esse tremor, então, somente então, se converte em canto.

Jorge Larrosa²

O que (nos) acontece que é capaz de nos transformar? Quais acontecimentos se convertem em canto? Larrosa fala da experiência como aquilo que nos acontece (LARROSA, 2019) e que se converte em canto. O acontecimento, para nós, tem aproximações com a metáfora de Larrosa: um canto; e como canto aquilo que emerge do ser, a voz do coração, o acontecimento, o sentido. Porém, diferentemente da experiência, o acontecimento é um processo em devir coletivo EU-TU (DELEUZE, 2015) que emerge da relação entre os corpos, não meramente individual. Acontecimento se constitui de inúmeros aspectos rizomáticos, que se encaminham para um NÓS, o que anteriormente era uma virtualidade acontecimental se atualiza pelos agenciamentos do EU-TU (DELEUZE, 2015). Pensamos, seguindo Larrosa, num canto-acontecimento emergindo na aula. Não estamos tratando de algo que possa ser objetivável, não temos um objeto de pesquisa, temos uma pista, um canto mobilizador, uma bússola cujo Norte é o sentido. Buscamos nos aproximar de uma experiência que podemos chamar de

² Tremores – Escritos sobre a experiência (LARROSA, 2019, p. 10). A presente pesquisa nasceu quando encontrei essa afirmação de Larrosa e tentei nomear o meu canto.

acontecimento disruptivo³, aquilo que perturba a ordem das coisas e extravasa numa expressão, num caminho ou numa escolha. A educação pode ser um caminho para o acontecimento, a arte também.

Para nos aproximarmos do sentido de um canto-acontecimento, convidamos pessoas diversas, de diversos locais, via formulário Google, para compartilhar conosco um acontecimento de suas vidas, mais especificamente uma aula-acontecimento, que é nosso desejo de conversão: uma aula que se converteu em canto, que se tornou um acontecimento disruptivo e quebrou a ordem das coisas, se constituindo como um novo sentido de estar no mundo, de caminho, de escolha. Inicialmente fizemos a seguinte pergunta: “Qual aula marcou sua vida?”⁴ Seguida do seguinte enunciado: “Neste momento convidado você a seguir esses passos: 1 - Sente-se de forma confortável; 2 - Respire profundamente e relaxe; 3 - Gostaria agora que você fizesse um exercício de memória voltando a sua experiência como estudante: qual aula te marcou e que está com você até hoje? O que você lembra? E mais importante, o que você sentiu e ainda sente sobre esse acontecimento? Provocando um pouco mais... essa aula acontecimento ecoa hoje no seu fazer docente? (Se for professor).”

Os relatos recebidos evidenciaram semelhanças importantes: em 38 das 42 respostas o professor é o principal agente do acontecimento

no contexto pedagógico, assumindo papéis diferentes, mas que sempre surgem da relação humanizada e não institucionalizada: com ações como incentivar, sensibilizar, acolher, provocar; a aula como acontecimento é um espaço humanizado (de acolhimento dos sujeitos), sendo necessário uma subversão das relações institucionais para que algo aconteça e se converta em canto; outro aspecto recorrente nos relatos é a figura do professor artista como agente disruptivo da ordem institucional: surge com o professor de Língua Portuguesa que canta nas aulas, assim transformando escolhas estéticas e criando interesses; com a professora de Literatura que declama Manuel Bandeira e cria uma aula-poesia; com a professora que esculpe um busto de Van Gogh na sala e mostra ao aluno uma nova identidade artística; com o professor que cria uma instalação artística coletiva para falar sobre arte contemporânea. Em muitos casos, os relatos nos mostraram acontecimentos que mobilizaram no aluno uma mudança de paradigma, reatualizando a forma de estar no mundo, tornando-os agentes de

³ Em nossa pesquisa identificamos um certo sentido de disrupção (quebra da rotina, ordem) que possibilita que algo se torne um acontecimento.

⁴ O questionário completo consta no link: <https://forms.gle/RNmiJVcVzV1VJcjM7>. TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) autorizado pelo comitê de ética (CEP-FAAC/UNESP).

transformações e de mudanças: como a aluna que passou a lutar contra o racismo ao se reconhecer como pessoa negra num encontro promovido pela escola sobre o racismo na sociedade; o aluno que passou a questionar o mundo de forma filosófica ao ter contato com um professor que trazia questionamentos filosóficos para suas aulas; a aluna que passou a se ver integrada à natureza quando a professora criou uma aula num bosque onde os alunos deveriam se relacionar com uma árvore. Em muitos casos o acontecimento definiu a escolha profissional pela docência, onde o aluno de outrora, agora docente, se vê agindo como aquele professor que converteu a aula em canto. A seguir compartilhamos alguns desses cantos⁵ (suprimindo as identidades dos autores conforme acordo via TCLE).

CANTO 1º - Encontro com a artista/Tornar-se artista

Não foi exatamente uma aula, mas foi uma aula para mim! Fazia um curso livre de teatro de bonecos, quando tinha uns 11 ou 12 anos de idade, quando cheguei na sala, a aula ainda não tinha começado, porque chegava sempre muito antes que todos. Ao entrar na sala a professora já estava na sala sentada em uma das mesas, de costas para a porta, quando ia entrando e, me aproximando via que ela estava modelando alguma coisa. Então me aproximei e vi que era uma cabeça grande, hoje sei que era um busto, em papel mache (sic). Então me sentei ao lado dela e fiquei observando ela modelar e depois de um tempo perguntei o que ela estava fazendo. E ela me disse que estava modelando a cabeça do Van Gogh para desfilar com ela como estandarte no bloco de carnaval dos artistas da cidade. E nesse momento ela começou a contar a história do pintor Van Gogh. Aquilo tudo me marcou profundamente. Ela me levou depois para desfilar com ela no bloco de carnaval e eu carreguei a cabeça do Van Gogh pelas ruas algumas vezes. Hoje o Van Gogh é o meu artista preferido, ele marcou minha vida profundamente, teve um momento que passei necessidades e meu irmão me ajudou e, o chamo de meu Theo⁶. Essa experiência de aula é algo que não me sai da memória, escrevo essas palavras com lágrimas nos olhos e vendo a imagem da cabeça do Van Gogh, a sala, a professora modelando, ouvindo ela falando do Van Gogh e as marchinhas de carnaval que desfilados (sic) naquele carnaval.

⁵ Mantivemos a escrita conforme nos foi enviada, com erros ortográficos e imprecisões.

⁶Theo é o nome do irmão de Van Gogh que muito o incentivou e ajudou.

A aula nem havia começado, a cena estava lá esperando para ser preenchida, significada. Somente um corpo⁷ pode afetar outro corpo, o efeito dessa afetação é o acontecimento

Todos os corpos são causas uns para os outros, uns com relação aos outros, mas de que? São causas de certas coisas de uma natureza completamente diferente. Estes efeitos não são corpos, mas, propriamente falando, "incorporais". Não são qualidades e propriedades físicas, mas atributos lógicos ou dialéticos. Não são coisas ou estados de coisas, mas acontecimentos. Não se pode dizer que existam, mas, antes, que subsistem ou insistem, tendo este mínimo de ser que convém ao que não é uma coisa, entidade não existente. Não são substantivos ou adjetivos. mas verbos. (DELEUZE, 2015, p. 05)

Neste, em particular, o tempo se dilata na espera contemplativa: “depois de um tempo (em observação) perguntei: O que você está fazendo?” Este acontecimento, promovido por uma professora artista, permite ao aluno se integrar e partilhar de um momento íntimo de um artista: a criação. A professora não se omite ao aproveitar o instante para contar a história do esculpido Van Gogh. Nesse átimo de intimidade o aluno está integrado ao ambiente da professora artista, é um igual: desfila e carrega o busto no bloco dos artistas da cidade. Se trata de um acontecimento em muitas camadas, não se resolve ali na sala, se estende em outras reverberações - e essa é uma característica do acontecimento: reverberar no tempo do não-tempo (ZOURABICHVILI, 2009) se constituindo como uma virtualidade presente. Reverbera com a identificação do artista apresentado pela professora de forma tão intimista, com sua vida, simulando-se a si próprio como sendo o Van Gogh que é ajudado pelo irmão benfeitor: “teve um momento que passei necessidades e meu irmão me ajudou e, o chamo de meu Theo.” Esse acontecimento faz nascer um artista que mira-se em Van Gogh? Podemos dizer que sim, um canto com tonalidades graves como o traço do artista. O que temos no relato é a identificação, o reconhecimento, a sensibilização e o encontro; a repetição de um verbo salta à leitura, marcar: “Aquilo tudo me marcou profundamente [...]. Hoje o Van Gogh é o meu artista preferido, ele marcou minha vida profundamente[...]”. A marca se dá sempre pela via do corpo, pois este que é marcado, que é portador de uma nova insígnia (BRÉHIER, 2012; TEMPLE, 2011). Deste acontecimento surge um leitor de arte, e isso é o mínimo que podemos inferir, por si só

⁷ Quando falamos de corpo é no sentido estóico: é corpo tudo que tenha existência material (voz, alma inclusive), aquilo que não é corpo é incorporal, como efeito da mistura dos corpos: Acontecimento (BRÉHIER, 2012).

já é algo transformador para esse mundo. Essa é reconhecidamente uma experiência disruptiva importante, marca um divisor de águas para o narrador: “Essa experiência de aula é algo que não me sai da memória, escrevo essas palavras com lágrimas nos olhos.” As lágrimas só aparecem nos olhos de um corpo transformado, afetado.

Em outro relato temos uma aproximação a essa mesma potência: alguém que descobre sua expressividade com a arte, que passa a se reconhecer como artista.

[...] na aula de artes...no ensino médio...tive uma professora que mostrou que eu sabia expor meu pensamento através da arte...até então eu não me via capaz de produzir algo artístico... porque meu pai desenhava...pintava...esculpia em madeira...e minha irmã fazia o mesmo...e eu sempre fui tida como a filha sem talento em coisas artísticas.

Esse pequeno canto, mostra alguém que se espanta ao perceber que arte pode dar voz ao que pensa, quando na verdade se achava sem o “talento” dos seus. O docente como potencializador do acontecimento será recorrente em muitos relatos como esse, pois, o aluno que possuía uma autoimagem, por vezes limitada e fragmentada, passa a rever seu estar no mundo pela relação com seu professor, por algo que emerge dessa relação e de alguma forma se configura como uma potencialidade do sujeito tornar-se outro. Aparece um caminho de transformação por meio da relação com o professor: um devir-artista surge da descoberta de sua expressividade-voz, sendo também recorrente na dinâmica do acontecimento.

CANTO 2º - E ela falou..

Dona Marilene... minha professora de português da 5a. Serie (sic). Todo estudante sabe o que significa passar para 5a serie ...aquela expectativa... Não mais uma única professora/professor, mas sim vários! Cada um para uma matéria!! Aquilo tinha ares de grande importância... Era quase tornar-se uma pessoa adulta. Estudantes que passavam para a 5a. serie tinham uma espécie de passaporte para transgressões e experiências que as crianças da quarta, não tinham... Intuíamos que um rito de passagem acontecia ali que algo significativo mudaria ao chegar no quinto ano... É possível imaginar que minha primeira aula revestia-se de grande expectativas... E eis que entra na sala uma professora minúscula, pequena, um corpo frágil. Ao mesmo

tempo ela usava umas roupas diferentes, umas saias coloridas, exuberantes, completamente diferentes das roupas mais comuns das outras professoras. Detalhe: quinta série pra mim significava 1977... Se fecho os olhos lembro do silêncio da classe... E ela falou... leu um poema de Manuel Bandeira... e o tom da sua voz que eu ouviria por mais três anos (quinta, sexta e sétima série) causou um impacto tamanho. Aquele texto narrado naquela voz trouxe uma distinção, uma reverência tão honrosa às palavras que nunca mais me abandonou... ainda hoje quando leio, Dona Marilene está lá sussurrando as pausas e respiros que são vida aos textos...

“E ela falou...” Esse canto é uma ode: Salve Dona Marilene! E que tenhamos muitas Donas Marilenes em nossas escolas, promovendo a poesia. Esse acontecimento poético foi o clímax de um rito de passagem, que para o autor significava aquela primeira aula no 5º ano. Além de toda a expectativa sobre a mudança de ciclo, aquela sala (aos olhos de quem nos conta) adquiriu uma nova natureza com a estreia da professora Marilene, cujo porte e vestimenta não passaram em vão pelo olhar, que até demonstra um certo desdém admirado pela figura que se apresenta: “E eis que entra na sala uma professora minúscula, pequena, um corpo frágil. Ao mesmo tempo ela usava umas roupas diferentes, umas saias coloridas, exuberantes, completamente diferentes das roupas mais comuns das outras professoras.” – Quem poderia imaginar que da fragilidade surgisse algo poderoso? Esse paradoxo do acontecimento, assim como a maioria dos acontecimentos são paradoxais (DELEUZE, 2015), tornam a experiência ainda mais distinta, e essa é uma palavra importante aqui: aquela professora artista⁸ que declama poesia consegue com sua voz “uma distinção, uma reverência tão honrosa às palavras que nunca mais me abandonou”. Esse acontecimento marca o nascimento de uma leitora de poesia, e isso é extraordinário. Denota também uma professora que usa métodos artísticos para se aproximar de seus alunos, e por mais que não seja uma artista com o rigor da palavra é uma artista em sua aula de Língua Portuguesa, porque com sua voz e sua interpretação honrosa gera uma distinção em quem a ouve, uma voz que como corpo se mistura ao corpo (BRÉHIER, 2012; TEMPLE, 2011) do aluno se tornando canto. E ela falou! Uma voz que ainda é ouvida a sussurrar ao pé do ouvido, “ainda hoje quando leio, Dona Marilene está lá sussurrando as pausas e respiros que são vida aos textos [...]” Dona Marilene mostrou que o ato de ler pode ser um acontecimento, não do

⁸ Usamos esse termo para nos aproximar de uma atitude artística do professor.

sentido das palavras, mas do que está entre cada uma delas: as pausas e os respiros que guarnecem a vida no texto.

CANTO 3º - Mude esse espaço!

Propus uma atividade de happening⁹ para alunos de 9º ano, com base na proposta do artista Allan Kaprow. A proposta era: mude esse espaço. Os alunos ficavam fora da sala e um a um entravam, de tempos em tempos, e a única orientação estava escrita na lousa "mude esse espaço". Enquanto eu ficava na porta, controlando o acesso, para que cada um tivesse tempo de realizar a modificação, fui ficando desesperado, porque a ação do happening extrapolava minhas expectativas e o processo foi intenso, com 03 turmas de 9º ano. A grande questão foi em determinados momentos fazer o convite à reflexão sobre a ação. Foi algo que me transformou e aos alunos, até hoje, se lembram dessa aula.

Esse é o canto de um professor-propositor, que traz uma ação artística para inserir os alunos num processo de criação de arte contemporânea. Uma obra-acontecimento como proposição artística e cujo enunciado é o dispositivo mobilizador (ROLNIK, 2014). O professor assume o papel de performer ao criar um jogo de tensão que mobilize o aluno na ação artística, uma ação artística contemporânea, cuja “única orientação estava escrita na lousa ‘mude esse espaço’”. Não precisa falar. MUDE ESSE ESPAÇO: a sala de aula e sua ordem ontológica imutável que desde o séc. XIX é um ambiente previsível (à revelia da sua tecnologização); isso uma forma de transgressão. Imaginemos como não foram as sessões de reflexão sobre a ação, que foram os aspectos apontados pelo narrador como um acontecimento de grande transformação - não subjuguemos os adolescentes, eles nos trazem perspectivas que não possuem lastro e nem correspondência. Quando qualquer artista propõe uma ação, essa se torna uma representação: mude esse espaço (sala) não se trata de um espaço particular, mas de um espaço universal, o verbo *mudar* da proposição representa uma mudança da ordem universal. Importante frisar a insegurança que a ação gerou no professor: “fui ficando desesperado, porque a ação do happening extrapolava minhas expectativas e o processo foi intenso [...]”; essa é outra característica do acontecimento: a imprevisibilidade, a

⁹ Forma de arte participativa dos anos 60.

falta de controle, a situação limite (ZIZEK, 2017) (talvez essa tensão inerente ao acontecimento seja o motivo dessas experiências deixarem marcas). O professor imbuído da ideia de Happening, reperformando Kaprow, fez mais do que um exercício pontual, criou variações sobre a aula: uma aula como obra de arte coletiva e uma aula como acontecimento artístico. Não à toa reconhece: “Foi algo que me transformou e aos alunos, até hoje, se lembram dessa aula”.

CANTO 4º - A paz

*A paz invadiu o meu coração/ De repente, me encheu de paz/ Como se o vento de um tufão/ Arrancasse meus pés do chão/ Onde eu já não me enterro mais.*¹⁰

A paz. Me lembro de na sexta série, na escola Ernani Calbucci, em Mogi Mirim, ter tido uma aula marcante: a aula do Tico. Professor de língua portuguesa. O professor entrou na sala logo depois do intervalo. Era nossa primeira aula com ele. Ele entrou e fechou a porta, colocando as mãos para trás e começando a batucar de leve na porta. Em seguida, começou a cantarolar uma música. Me lembro que estávamos suados e agitadíssimos, mas aos poucos fomos parando e respirando baixo, até conseguir ouvir o professor cantar. A música me pareceu familiar e fiquei encantada com aquele momento: um professor cantando na sala de aula... Ele foi saindo da porta, passando pela lousa e pelas carteiras, até chegar à sua mesa, sempre batucado, quando terminou de cantar, aplaudimos e ele sem demorar, pegou um giz, escreveu na lousa o nome da música - A paz - e nos contou de quem era. Em seguida, escreveu um trecho da música e começou a aula de gramática... A partir daí, em algumas aulas pedíamos pro "Tico" cantar e ele trouxe Titãs e Chico Buarque para nós, sempre extraíndo das letras os exercícios que tínhamos que fazer sobre orações subordinadas, sujeitos e predicados. Foi assim que adquiri o hábito de ouvir mais músicas brasileiras e foi assim que me senti influenciada por essa aula quando cheguei ao ensino público. Gosto de música brasileira e sempre proponho atividades que trazem referências musicais da minha vida (escolar, artística, pedagógica), com certeza inspirada no meu

¹⁰ Composição: Gilberto Gil / João Donato. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/gilberto-gil/46180/> Acesso em: 07/05/2021

professor que trouxe naquele dia, uma sensação especial de aprendizagem sobre nossa língua, nosso idioma, nossos artistas da música e da palavra... Agradecida ;-)

Uma cena promovida por um professor-artista: um cantor. O acontecimento se dá no momento em que o sentido se faz: “A música me pareceu familiar e fiquei encantada com aquele momento: um professor cantando na sala de aula...” De fato, um professor cantando em sala de aula é um acontecimento. O encantamento se justifica, ficamos nós ao visualizar a cena – ainda mais com uma música tão importante. Podemos perceber, com esse canto, que algo acontece quando envolve afeto, não afeto no sentido de comoção, mas no sentido de abalo e inquietação. Entendemos que afetar é provocar no outro uma fissura, penetrar nessa fissura e se misturar, essa mistura não é uma colonização do outro, mas uma construção em via de mão dupla, quem afeta também é afetado por aquele que afetou, essa é a mistura que trata o acontecimento: algo que surge da interação dos corpos.

Todos os seres são, assim, produzidos a partir de diferentes tensões do ser primordial. Daí que a causa do ser é a sua própria essência, aquilo que vive no ser e o faz viver. Assim, para os estóicos, os corpos quando se relacionam o fazem por meio da mistura de suas forças, as quais passam a coexistir e são restituídas aos seus corpos quando estes se separam. (TEMPLE, 2011, p. 76)

Voltando ao professor-cantor, o momento que cria é um momento de encanto. E como nossa narradora disse, reverberou em suas escolhas e reverbera em sua ação docente: “Gosto de música brasileira e sempre proponho atividades que trazem referências musicais da minha vida (escolar, artística, pedagógica)...” e que ela traduz como “uma sensação especial de aprendizagem sobre nossa língua”, está se referindo à língua como cultura. Esse acontecimento resulta em escolhas estéticas, culturais, e principalmente em perceber a língua não como ferramenta, mas como parte viva da cultura, e o aprendizado não como assimilação da técnica mas como uma sensação de pertencimento: aprendemos aquilo que, minimamente, dialoga conosco, aquilo que se faz no plano do sentido como agenciamento do EU/TU no NÓS, numa virtualidade viva na memória do coletivo (DELEUZE, 2015).

CANTO 5º - Qual o seu valor?

Acredito que a experiência mais bela e marcante da minha época de escola eu tenho com a professora de História Ivânia, que me deu aulas na 7º e na 8º série. Ela era uma professora que estimulava o aluno a pesquisa. Fazia os alunos trocarem o livro de História entre si e na biblioteca mensalmente para não ficarmos com a visão de um só autor e criarmos também nossa visão sobre a História. Mas essa não é a experiência que tive com ela que me marcou. Um dia tivemos uma prova e, naquele dia, eu não estava bem. Eu era uma excelente aluna mas naquele dia não tive condições emocionais de me dedicar na avaliação. Fiz conforme dava e sai da sala. Na semana seguinte ela me chamou de canto e me fez refazer a prova. Fiquei surpresa e até com um certo medo sem entender o que estava acontecendo mas atendi seu pedido e refiz a prova. Ela corrigiu na minha frente e tirei um "B+". Nesta hora ela pegou a prova à tédio, que eu tinha tirado um "D-", colocou uma prova do lado da outra e disse: "Eu conheço meus alunos e de você eu admito apenas essa nota aqui, no mínimo (apontando para a segunda prova). Eu me recuso aceitar te dar um "D" porque sei o seu valor." Não sei se ela é capaz de imaginar que aquele ato me marcaria tanto e agradeço muito a ela por essa lição. Até hoje eu me emociono com essa história. Hoje em sala como professora me vejo em vários momentos sendo um pouco a "prof Ivânia", mostrando aos meus alunos o valor que eles têm.

Um canto que mostra algo implícito: o encontro com alguém que se importa. Nos ambientes institucionais, encontrar alguém que se importe conosco reconhecendo nosso valor, é de fato um acontecimento. Uma ideia de Paulo Freire (1970): Educar é um ato de amor; um clichê freiriano repetido à exaustão, mas que encanta, e é facilmente propagado por muitos educadores. Aqui nesse relato aprendemos: valorizar o outro é um ato de amor, um ato de quem se importa. Para além do clichê que a repetição da máxima freiriana condena nossas práticas de educação amorosa, reconhecer o valor do outro e principalmente, mostrar esse valor é um ato de transgressão (HOOKS, 2020), a dissolução de um universo onde a desvalorização é a tônica. Nesse acontecimento há uma professora que faz uma leitura da sala, que desenvolve uma escuta e reconhece seus alunos, sabe que podem mais, porque se importa, porque cuida: “Eu conheço meus alunos e de você eu admito apenas essa nota aqui, no mínimo [...]”. Esse ato deixa uma marca que é reverberado na ação da narradora, que também é professora: “Hoje em sala como professora me vejo em vários momentos sendo um pouco a "prof Ivânia", mostrando aos meus alunos o valor que eles têm.”

Em outros relatos, surgiram essa mesma potencialidade do acontecimento-valorizar e como essa interação, pautada no respeito mútuo, impactou a percepção de estar no mundo desses sujeitos, possivelmente pela dissolução do ambiente de desvalorização construído em (alguns) espaços pedagógicos e pelo reposicionamento do papel do professor: não mais o professor-autoridade mas o professor-aliado no processo de ensino-aprendizagem.

Participei com o Professor Cristian em uma apresentação teatral com os amigos do trabalho, trabalhávamos com oficinas de Artes, mas eu nunca tinha atuado nem feito aulas, eu estava super nervosa e com medo, foi minha primeira e única experiência, tive um muito pequeno e simples papel, mas foi maravilhoso, pois o professor me incentivou e elogiou minha atuação, isso me marcou até hoje elevando minha autoestima e me ajudando a superar desafios e auto controle de lidar com público, e me marcou também poder ver bem de perto sua criatividade, calma, segurança e talento que também me inspiram. Só tenho a agradecer a honra de ter tido essa oportunidade e alegria na minha vida.

*

Na faculdade uma aula prática de história, em que a professora usou os próprios alunos como representação do conteúdo, contribuiu muito para que hoje minhas aulas sejam significativas aos alunos, em que busco exemplos deles, com eles e partindo deles.

*

Tenho 43 anos. Passei por um ensino tradicional. Não tinha aulas de arte na escola. Nos pediam para fazer desenhos pra colorir ou fazer desenho livre. E uma vez eu com 9 anos, todos os alunos colorindo o desenho que a professora tinha nos dado para colorir. Ela andando pela sala. Todos quietos. E eu além de colorir coloquei umas maçãs na árvore. Só eu tinha feito isso até então. A professora viu e me elogiou! "Olha só o trabalho dela!" e mostrando pra toda sala continuou dizendo para serem criativos como eu. Isso marcou bastante. Me descobri uma criança criativa. Depois disso todos queriam me copiar rrsrsrs. Ganhei um status diferente na sala. Pois até então não

conversava com ninguém. Sempre fui tímida. Até hoje lembro da professora. E daquele momento como inspirador pra mim.

Esses acontecimentos mostram o surgimento de um outro: uma transformação; alguém que superou um estágio anterior: quem antes era inseguro e passou a ter mais segurança (na vida), e que também passou a se reposicionar frente aos outros em relações mais fraternas. Uma frase que pode sintetizar esse conjunto de cantos: “Me descobri uma criança criativa”; um outro criativo, ou seguro, ou autorreferente.

CANTO 6º - Eu sou essa

Eu estava no cursinho popular pré vestibular, que na época se chamava Projeto Raiz. Alguns convidados externos foram fazer uma palestra/aula sobre raça. Durante a palestra eles mostraram um documentário explicando o que era racismo no Brasil e o que era ser negro. Foi a primeira vez que eu entendi que o que me afetava em vários momentos da vida era a questão de ser negra e não porque eu era feia, burra, mal arrumada e coisas do gênero. Na mesma semana, após aquelas aulas, eu coloquei dreads e passei a me engajar cada vez mais na questão racial. Desde então eu levo o debate racial para toda e qualquer pesquisa que efetuo, assim como para toda e qualquer aula que dou.

Um canto de identidade, envolve um sentido indispensável: o pertencimento. Deleuze (2015) afirma que o acontecimento é o próprio sentido, neste caso um sentido de pertencimento e identidade.

É neste sentido que é um "acontecimento": com a condição de não confundir o acontecimento com sua efetuação espaço-temporal em um estado de coisas. Não perguntaremos, pois, qual é o sentido de um acontecimento: o acontecimento é o próprio sentido. O acontecimento pertence essencialmente à linguagem, ele mantém uma relação essencial com a linguagem; mas a linguagem é o que se diz das coisas. (DELEUZE, 2015, p. 23)

As aulas que a nossa contadora compartilha a lembrança foram um acontecimento para ela, pois significaram a compreensão de uma série de situações que influenciaram seu estar no mundo, possibilitando uma nova forma de existir, de resistir e de se identificar: “Na mesma semana, após aquelas aulas, eu coloquei dreads e passei a me engajar cada vez mais na questão racial.” O acontecimento que vislumbramos até

aqui são dessa natureza, em maior ou menor grau, causam uma intervenção no sentido das coisas. Nesse caso, o acontecimento possibilita o nascimento de uma pessoa que assume um ato de resistência como forma de estar no mundo, de luta contra o racismo. Fazendo parte de sua ação pedagógica: “Desde então eu levo o debate racial para toda e qualquer pesquisa que efetuo, assim como para toda e qualquer aula que dou.” Entendo que esse é um acontecimento promovido não por um professor, mas por uma situação de encontro, por uma ação de aproximação realizada pela escola, essas ações extracurriculares quando possuem essa preocupação social, são promotoras de sentido.

Vimos diversos cantos de acontecimento até aqui, podemos enumerar, portanto, algumas qualidades de uma aula-acontecimento que são recorrentes nos relatos: *o sentido* – quando o que acontece pode se configurar como sentido (não como significado mas como interpretação), seja no existir ou estar no mundo, seja num novo desejo ou gosto (artístico, estético, político), seja na descoberta de uma habilidade, seja no encontro de uma missão, causa ou luta (DELEUZE, 2015); *a singularidade* – o que acontece é único naquele momento para aquela individualidade e portanto causa uma fissura na ordem (DELEUZE, 2015); *a disrupção* – o que acontece interrompe a ordem normal, a rotina; *o paradoxo temporal* – o que acontece é um episódio temporal mas reverbera no não-tempo, configura outra percepção de tempo, eterno dilatado (ZOURABICHVILI, 2009); *a mistura dos corpos* – o que acontece é efeito da relação entre corpos (no sentido estóico), assim exemplificando: o professor que é corpo causa no aluno que também é corpo o efeito de provocação do atributo provocar; ou o racismo que é corpo causa na pessoa negra que também é corpo o efeito de revolta do atributo revoltar-se/insurgir-se - para os estóicos o atributo é o acontecimento (ou incorporeal como denominaram), para nós o que cada corpo fará após o atributo será o acontecimento (como cada corpo dará sentido -interpretará - o que aconteceu), podendo ser apenas uma experiência pontual ou um acontecimento que reverberará no não-tempo.

O devir-ilimitado torna-se o próprio acontecimento, ideal, incorporeal, com todas as reviravoltas que lhe são próprias, do futuro e do passado, do ativo e do passivo, da causa e do efeito. O futuro e o passado, o mais e o menos, o muito e o pouco, o demasiado e o insuficiente ainda, o já e o não: pois o acontecimento, infinitamente divisível, é sempre os dois ao mesmo tempo, eternamente o que acaba de se passar o que vai se passar, mas nunca o que se passa (cortar demasiado profundo mas não o bastante). O ativo e o passivo: pois o acontecimento, sendo impassível, troca-os tanto melhor quanto não é

nem um nem outro, mas seu resultado comum (cortar-ser cortado). A causa e o efeito: pois os acontecimentos, não sendo nunca nada mais do que efeitos, podem tanto melhor uns com os outros entrar em funções de quase-causas ou de relações de quase -causalidade sempre reversíveis (a ferida e a cicatriz). (DELEUZE, 2015, p. 09)

Os cantos de uma aula-acontecimento se configuraram numa potência entre sujeitos-corpos: professor/aluno (eu/tu); tal potencialidade existe numa virtualidade, ou plano de imanência, que se atualiza, ou se agencia em cada acontecimento vivido (DELEUZE; GUATTARI, 2000a). Essa experiência vem a se configurar num NÓS que se assume como referência, que, por sua força permanece e se atualiza constantemente como uma memória presente em suas condutas docentes. Temos a incorporação do acontecimento passado (virtualmente) no presente, como um conceito sobreposto à vida.

Temos muitas indicações sobre o que torna uma aula um acontecimento, todos se encontram num universo de valores não objetiváveis das interpretações pessoais, esse é um dos senões da pesquisa qualitativa em Ciências Humanas e uma das particularidades de pesquisa em Artes: estamos construindo nosso paradigma científico de pesquisa, há muito hibridismo e interdisciplinaridade (SANTOS, 2008), estamos coordenando uma conversa entre filosofia, educação e arte, com pistas para onde podemos chegar. Tal procedimento, para nós, se aproxima do paradigma deleuziano que busca pensar um novo paradigma científico em devir, cuja força está nos acontecimentos, que criam disrupções à repetição do método acadêmico, uma fissura na rotina e na ordem que cerceia a criação do potencial acontecimento.

Os exemplos que trouxemos pretendem ser uma iniciação ao universo do acontecimento, começamos por eles para não correremos o risco de nos tornarmos excessivamente abstratos. Mas é preciso reconhecer que esses exemplos possuem um olhar de Cândido¹¹ antes de ser expulso do castelo, agora vamos olhar pelo outro lado do espelho e considerar o acontecimento trágico, ou o que acontece com Cândido depois de ser expulso do castelo. Criaremos essa imagem com a história de Joe Bousquet, analisada por Deleuze (2015) (na Vigésima Primeira Série: Do Acontecimento) em

¹¹ Cândido ou O otimismo (1759), de Voltaire, é um jovem rapaz que mora em um belíssimo castelo em Westfália, cujo barão é o pai da bela Cunegundes. Dentre os moradores do castelo está Pangloss, filósofo otimista e preceptor de Cândido, direcionando-o sempre ao que é bom. Tudo está correndo bem com Cândido, no “melhor dos mundos possíveis”, quando ele se apaixona pela filha do barão e é expulso do castelo. A partir daí, tem início uma série de desgraças absurdas: ele é torturado, roubado, enganado, sobrevive a um naufrágio e a um terremoto em Portugal (que de fato aconteceu)... tudo isso ocorre para que Cândido, enfim, questione a pregação otimista de Pangloss, sua visão positiva que até então lhe servira de guia. Disponível em: <http://www.aescotilha.com.br/literatura/ponto-virgula/candido-ou-o-otimismo-voltaire/> Acesso em: 07/07/2021.

Lógica do Sentido e por Bruno Batista (2020), e também por outros cantos cujo acontecimento se dá na experiência pedagógica mais extremada, quase violenta.

Podemos pensar o acontecimento em duas categorias distintas, propostas por Bruno Batista: os pequenos acontecimentos, que vão se constituindo naquilo que somos num movimento de reatualização do devir outro em virtualidade, e os grandes acontecimentos, geralmente trágicos, que nos modificam e nos transformam permanentemente: o outro se materializa sem espaço para o antigo EU; são um divisor de águas onde a vida anterior deixa de ter sentido – o sujeito vive como o outro. (BATISTA, 2020). O acontecimento de Joe Bousquet é da segunda categoria: Bousquet foi um jovem atlético e no auge da sua forma física é baleado na coluna na I Guerra Mundial, ficando paraplégico. Mas esse não é o devir outro de Bousquet, ele transforma-se em outro a partir do momento que seu corpo para, emerge um poeta sem espaço para o antigo EU atleta. Desse momento em diante ele se reinventa e se torna muito mais ativo do que antes, quando era atleta, promovendo a arte e a cultura, um trabalho intelectual que era distante dele anteriormente (BATISTA, 2020).

É preciso chamar Joe Bousquet de estóico. A ferida que ele traz profundamente no seu corpo, ele a apreende na sua verdade eterna como Acontecimento puro, no entanto, e tanto mais que. Assim como os Acontecimentos se efetuam em nós, e esperam-nos e nos aspiram, eles nos fazem um sinal [...]. (DELEUZE, 2015, p. 151)

Segundo Deleuze (2015) os estóicos representam uma renúncia ao determinismo, para eles o sujeito é dono do seu destino e não uma peça indeterminada sem escolha, o sujeito estóico é o sujeito que se faz, que se constitui. Bousquet ao ter sua ferida, foge da condenação de ser um inválido (aos olhos da sociedade da época) e se reinventa, não apesar do acontecimento, mas em função dele, torna-se outro; esse devir-poeta é que faz de Bousquet um sujeito estóico para Deleuze (BATISTA, 2020). O acidente sofrido por Bousquet se configura então, numa ferida-acontecimento, da categoria de grande acontecimento que transforma uma vida. Nossos cantos de acontecimento estão na outra categoria, a dos pequenos acontecimentos que nos constituem como pessoas, que nos mostram pistas para existir, pistas para ser, caminhos, virtualidades; constituem-se como fundamentos da vida, e estes são o lugar do acontecimento pedagógico.

- Minha ferida existia antes de mim, nasci para encarná-la.

Chegar a esta vontade que nos faz o Acontecimento, tornar-se a quase-causa do que se produz em nós, o Operador, produzir as superfícies e as dobras em que o Acontecimento se reflete, se reencontra incorporal e manifesta em nós o esplendor neutro que ele possui em si como impessoal e pré-individual, para além do geral e do particular, do coletivo e do privado - cidadão do mundo. (DELEUZE, 2015, p. 151)

Toda a obra de Bousquet é uma forma de dar sentido à ferida, e para além disso a ferida passa a ser o próprio sentido: “A respeito da obra de Joe Bousquet, toda ela uma meditação sobre a ferida, o acontecimento e a linguagem [...]” (DELEUZE, 2015, p. 151). O acontecimento, grande ou pequeno, nos impele à representação, seu desejo é se fazer em brilho, é ser querido e acolhido em sua verdade eterna como é. “Se querer o acontecimento significa primeiro captar-lhe a verdade eterna [...], atinge o ponto em que a guerra é travada contra a guerra, o ferimento travado vivo como a cicatriz de todas as feridas, a morte que retorna querida contra todas as mortes” (DELEUZE, 2015, p. 152). Mas qual o sentido em se querer um acontecimento trágico, em acolhê-lo, senão em dar continuidade à vida? Em continuar a reviver o acontecimento e transformá-lo à cada dia, em viver o brilho e fulgor do sentido. Não se trata de uma forma de resiliência ao acontecimento, pois essa é uma perspectiva moral de quem julga sofrer a dor causada por outrem, de quem identifica uma causa e um culpado pela ferida. Descobrir o brilho do acontecimento é amoral, não é resiliência, é interpretar o que acontece na potencialidade do devir outro.

Se constituir num outro, tal como Bousquet com sua ferida, é um movimento que está em nosso horizonte, um movimento de reinvenção, mas teremos forças para dar sentido a esses acontecimentos no plano individual? O tempo será nosso professor. Intuitivamente podemos dizer que imersos no acontecimento pouco podemos fazer, o que acontece é maior que o corpo, o afastamento do acontecimento é o motor do sentido. Mas no plano coletivo vimos inúmeras possibilidades do devir outro que apontaram para uma interpretação do acontecimento-pandemia de forma brilhante, como os grupos de teatro que passaram a desenvolver teatro remoto via plataformas digitais, reconfigurando o estado de presença vital a essa arte. Como também as lives promovidas por cantores numa tentativa de manter contato com seu público, como os museus que criaram exposições virtuais mantendo sua função viva. Enfim, o que acontece possibilita o surgimento do sujeito estóico que se faz em função do acontecimento, mas que não é por ele determinado.

REFERÊNCIAS CITADAS

BATISTA, B. **O que é um acontecimento?** Entrevista com Bruno Batista, pesquisador de Joë Bousquet. Youtube. 2020. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=ndOpNbQcEH4&ab_channel=CaioSouto-Conversa%C3%A7%C3%B5esfilos%C3%B3ficas Acesso em: 16/05/2021, 0:39:02

BRÉHIER, É. **A teoria dos incorporais no estoicismo antigo.** Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2012. Disponível em: <https://lelivros.love/book/baixar-livro-a-teoria-dos-incorporais-no-estoicismo-antigo-emile-brehier-em-pdf-epub-mobi-ou-ler-online/> Acesso em: 15 mar. 2021.

DELEUZE, G. **Lógica do Sentido.** São Paulo: Ed. Perspectiva, 2015.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** São Paulo: Ed. 34, 2000. a.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1970.

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir: A educação como prática libertária.** São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2020.

LARROSA, J. **Tremores: Escritos sobre experiência.** Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2019.

ROLNIK, S. **Arquivo para uma obra-acontecimento.** Apresentação de Suelly Rolnik ao projeto Arquivo para uma obra-acontecimento do SESC, realizada em maio de 2014. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=d3F5dIguUf0&ab_channel=SeloSesc Acesso em: 14/05/2021. 0:06:24.

SANTOS, B. de S. **Um discurso sobre as ciências.** São Paulo: Cortez Editora, 2008.

TEMPLE, G. C. **Poder e resistência em Michel Foucault: Uma genealogia do acontecimento.** 2011. 167 p. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de São Carlos, Departamento de Filosofia e Metodologia das Ciências, São Carlos, SP. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/4792/4527.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 08/03/2021

ZIZEK, S. **Acontecimento: Uma viagem filosófica através de um conceito.** Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2017.

ZOURABICHVILI, F. **O vocabulário de Deleuze.** Rio de Janeiro: Ed. Relume Dumará, 2009.